

# XVII JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

DESAFIOS ÉTICO-POLÍTICOS CONTEMPORÂNEOS PARA A EDUCAÇÃO



## A LITERATURA DE TERROR COMO PEDAGOGIA ALTERNATIVA: UMA ANÁLISE DE “O CEMITÉRIO” DE STEPHEN KING E A EDUCAÇÃO PARA A MORTE

Vitória Merten Fernandes

Rosane Machado Rollo I

Camilo Darsie

*Universidade de Santa Cruz do Sul*

Eixo Temático 1: Poéticas, interculturalidade, infâncias e Educação

### INTRODUÇÃO

A morte permanece como um dos maiores tabus da sociedade contemporânea. Evitada em conversas cotidianas, silenciada nos espaços públicos e frequentemente percebida como falha - especialmente no campo da saúde -, a finitude humana é sistematicamente negada em uma cultura que valoriza a produtividade e o prolongamento da vida a qualquer custo. Segundo Hwang e Camps (2021), essa aceleração do luto ganha espaço em uma sociedade que não aceita o morrer, na qual os enlutados precisam rapidamente normalizar seus comportamentos, servindo aos propósitos de uma lógica capitalista de produtividade emergida da racionalidade neoliberal.

Mas quais são as consequências dessa recusa em integrar a morte como parte natural da existência humana? E como podemos, enquanto sociedade, criar espaços simbólicos para elaborar processos de perda e luto de forma mais saudável? Este trabalho propõe que a literatura, especialmente o gênero de terror, pode atuar como ferramenta de educação para a morte, oferecendo um espaço seguro onde leitores podem vivenciar emoções ligadas à finitude de forma mediada e simbólica.

A obra "O Cemitério" (1983), de Stephen King, constitui-se como objeto privilegiado para essa reflexão. A narrativa acompanha Louis Creed, um médico que, ao perder o filho em um acidente, toma a decisão de enterrá-lo em um cemitério indígena que supostamente traz os mortos de volta à vida. O que retorna, entretanto, não é a vida como antes, mas algo corrompido e destrutivo. A história funciona como uma metáfora potente sobre os efeitos da negação e das tentativas de controlar a finitude e a morte.

Para Kovács (2005), educar para a morte é um desafio urgente para profissionais das áreas da saúde e da educação, considerando que este acontecimento é parte do desenvolvimento humano. Nesse contexto, este trabalho interroga de que forma a literatura de terror, especificamente a obra "O Cemitério" de Stephen King, pode atuar como ferramenta de educação para a morte? Como as representações culturais da morte na mídia contribuem para a construção de subjetivi-

dades capazes de integrar a finitude como parte da existência?

Partimos do pressuposto de que a mídia - aqui representada pela literatura - surge como importante elemento cultural que "concebe como prática que constitui significados, que forja a subjetividade" (Hennigen e Guareschi, 2006, p. 57). Ao transportar leitores para os dilemas emocionais dos personagens, a narrativa de terror oferece um laboratório afetivo onde é possível experimentar a perda de forma controlada, possibilitando novas formas de compreensão da morte e do luto.

## **MÉTODO**

Adotamos como metodologia a análise teórica e cultural da obra literária "O Cemitério" (1983), de Stephen King, buscando refletir acerca das representações sociais da morte e seus efeitos subjetivos. Trazemos, aqui, análises da relação dos personagens com a finitude e a morte e os objetivos do autor com a escrita, que foi inspirada em acontecimentos de sua própria vida.

É importante ressaltar que a escolha por uma obra de terror não é aleatória. Segundo Carrol (1990), o terror enquanto gênero literário busca deliberadamente produzir emoções específicas no leitor - principalmente medo e repulsa - como estratégia estética e pedagógica. Para além de entreter, o horror opera como um laboratório afetivo onde o leitor pode experimentar emoções relacionadas à morte de forma segura e controlada.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **A morte interdita e o silenciamento cultural**

A narrativa apresenta a morte como tema central, mas o faz expondo justamente as tentativas de silenciá-la. Rachel Creed, esposa de Louis, não consegue falar sobre morte com os filhos. Sua própria história revela a origem desse silenciamento: quando criança, foi deixada sozinha para cuidar da irmã Zelda, que agonizava em casa. Sem apoio familiar ou preparo emocional, Rachel vivenciou a morte como trauma. Esse episódio ilustra o que Ariès (2012) chamou de "morte interdita" - aquela que deve ser escondida, que não pode causar desconforto social.

A personagem de Rachel funciona como metáfora de uma sociedade inteira que não educa para a morte. Como afirma Kovács (1992, p. 4): "A dor acompanha as mortes e o processo de luto se faz necessário; a criança também processa as suas perdas, chora, se desespera e depois se conforma como o adulto". Rachel, privada desse processo, carrega o trauma por toda a vida, replicando o silêncio com seus próprios filhos.

### **O biopoder e a ilusão do controle sobre a morte**

Louis Creed, como médico, encarna o que Foucault (1999, 2012) chamou de sujeito biopolítico. Ele representa um poder moderno que busca "fazer viver" a qualquer custo. Quando seu filho Gage morre atropelado, Louis toma a decisão de enterrá-lo no cemitério indígena, acreditando que pode reverter a morte. Essa escolha não é apenas individual, mas representa um ethos moderno de controle absoluto sobre os ciclos naturais.

Foucault (1999, p. 287) argumenta que a modernidade inaugurou "um direito novo [...] poder de 'fazer' viver e de 'deixar' morrer". Louis, ao tentar ressuscitar o filho, leva esse poder ao extremo. A escalada da montanha rumo ao cemitério proibido torna-se metáfora do esforço extremo de negar o luto, de resistir à dor inevitável da ausência. King nos mostra que há um preço alto a pagar: o que retorna não é vida, mas algo monstruoso e destrutivo.

A emblemática frase de Jud Crandall - "às vezes, morto é melhor" - funciona como contraponto à lógica do controle absoluto. Ela sugere que aceitar a finitude, por mais doloroso que seja, pode ser mais saudável do que tentar ultrapassá-la.

### **Educação para a morte através da cultura**

Os resultados apontam que a literatura pode atuar como pedagogia alternativa, no sentido proposto por Ellsworth (2005). A autora fala da pedagogia como conhecimento em construção e traz a arte como forma de autoaprendizagem, de maneira que os sujeitos aprendem na relação com o mundo. "O Cemitério", ao romper o silêncio cultural sobre a morte, cria um espaço onde o leitor pode refletir sobre sua própria finitude.

Geertz (1989) destaca que a cultura possui caráter público por envolver significados compartilhados. A literatura, como prática cultural, participa ativamente da constituição das subjetividades. Como argumentam Hennigen e Guareschi (2006), a cultura e a mídia são práticas sociais que, ao forjarem sentidos, produzem efeitos de verdade e instituem modos de ser e viver.

Nesse sentido, educar para a morte através da literatura não significa romantizá-la, mas integrá-la como parte natural do desenvolvimento humano. Como afirma Kovács (2005), trata-se de preparar o indivíduo para lidar com a finitude de forma mais consciente e menos angustiante. A narrativa de King, ao mostrar as consequências devastadoras da negação da morte, funciona justamente como esse espaço pedagógico não formal.

### **CONCLUSÕES**

Este trabalho demonstrou que a literatura de terror, especificamente "O Cemitério" de Stephen King, pode atuar como ferramenta potente de educação para a morte. A análise evidenciou que a narrativa opera em múltiplas dimensões: como denúncia do silenciamento cultural sobre a finitude; como crítica à lógica biopolítica do controle absoluto sobre a vida; e como espaço simbólico onde leitores podem elaborar seus próprios medos e angústias relacionados à morte.

Os personagens Louis e Rachel Creed exemplificam dois modos de lidar com a morte que prevalecem na sociedade contemporânea: a negação ativa (tentativa de controle) e o silenciamento traumático. Ambos revelam-se destrutivos. Em contrapartida, a frase "às vezes, morto é melhor" sugere uma terceira via: a aceitação da finitude como parte natural da existência, permitindo a vivência saudável do luto.

A pesquisa conclui que a literatura de terror funciona como laboratório afetivo, conforme proposto por Carrol (1990), onde o leitor experiencia emoções relacionadas à perda de forma segura

e mediada. Essa experiência possibilita novas formas de compreensão da morte. Nesse sentido, a mídia - e especialmente a literatura - constitui-se como importante aliada na educação para a morte, oferecendo recursos para a elaboração da finitude.

Como pedagogia alternativa, no sentido de Ellsworth (2005), a literatura de terror permite que os sujeitos construam conhecimento sobre a morte fora dos espaços formais de educação, através da relação com a arte.

Educar para a morte não é apenas preparar para o fim, mas contribuir para uma vida mais consciente, ética e significativa. Ao reconhecer-se mortal, o sujeito pode repensar suas escolhas, valores e relações. A literatura, ao criar espaços simbólicos para esse reconhecimento, cumpre papel fundamental na formação de subjetividades capazes de integrar a finitude.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação para a morte; literatura; finitude.

## REFERÊNCIAS

Ariès, P. **História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

Carrol, Noël. **The philosophy of horror, or paradoxes of the heart**. New York: Routledge, 1990.

Ellsworth, E. **Places of learning: Media, architecture, pedagogy**. Routledge, 2005.

Foucault, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)**. Tradução de Marta Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Geertz, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

Hennigen, I.; Guareschi, N. M. de F. A subjetivação na perspectiva dos estudos culturais e foucaultianos. **Psic. da Ed.**, n 23, 2006.

Hwang, E.; Camps, P. B. O processo de luto e a experiência (a)temporal. **Revista do Instituto Gestalt de São Paulo**, n 11, 2020/2021.

King S. **O Cemitério**. Tradução de Mário Molina. Rio de Janeiro: Suma, 1983

Kovács, M. J. Educação para a Morte. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 25 (3), p. 484-497, 2005.

Kovács, M. J. (coord.). **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.